

Katarina Real (1927-2006) e a boneca Dona Joventina da Nação Estrela Brilhante. ¹

Clarisse Kubrusly - mestre pelo PPGSA-IFCS-UFRJ.

Resumo: O caso da boneca Joventina" apresenta parte das "negociações" e "contextos" que permitiram uma "real" aproximação entre a pesquisadora norte americana Katarina Real, o Museu do Homem do Nordeste (MHN) e os maracatus de baque virado em Recife. Pretendo discutir as narrativas sobre a boneca Joventina doada pela "coleccionadora" ao MHNE em 1996. Nas galerias do museu, a boneca fazia falar mais de Katarina do que sobre o antigo maracatu Estrela Brilhante por ela estudado em 1963. Hoje existem dois outros maracatus de nome Estrela Brilhante que de maneiras distintas reivindicam a posse da boneca esculpida em madeira (1906). Pretendo mostrar como a trajetória biográfica de Joventina é acompanhada por deslocamentos e reclassificações que lhe conferem a riqueza de concentrar possibilidades de crenças, igualmente válidas. (Palavras Chaves: Colecionamento, Katarina Real, museu, maracatu-nação.).

*

...Era um caminho de uma única curva infinita e instável, com nomes, passagens, casas e portas. Era uma feira mercado leilão, sem começo nem fim, onde se comercializavam afetos, cheiros, sons e sentidos. Era um cortejo com Reis, Rainhas, Damas do Palácio e Bonecas de madeira. Era um panteão africano na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Sto. Antônio na Zona Portuária de um Recife antigo. Era um baque virado de tremer a terra, um cheiro de incenso doce e um gosto de cuscuz com leite na boca. Era um séqüito real nas redondezas e no interior do mercado São José, onde a cidade do Recife e suas "seitas" continuam sendo feitas e re-feitas emaranhadas em uma "mesma", porém variada história... (Claqk)

*

Gostaria de discutir nesse Grupo de Trabalho alguns dados de campo expostos no terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado, (*A Experiência Etnográfica de Katarina Real (1927-2006): Colecionando maracatus em Recife.* – PPGSA-IFCS-UFRJ -. Dezembro 2007) no qual, apresento as polêmicas "biografias" da boneca Dona Joventina. A escultura de madeira escura, - provavelmente ébano, de aproximadamente 65 cm de altura ficou nos EUA durante 30 anos (1965-1996), sob a posse da "coleccionadora" Katarina Real, antes de ser doada ao acervo do

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro Bahia, Brasil.

Museu do Homem do Nordeste (MHN). Além disso, hoje existem duas nações de maracatu que se denominam Estrela Brilhante e que de formas distintas reivindicam a posse da escultura. Apresento resumidamente três versões recolhidas sobre Dona Joventina, sublinhando um embate de crenças no que se refere ao papel que os “museus” ocupam no imaginário das senhoras dos maracatus de nome Estrela Brilhante (Dona Marivalda e Dona Olga) e da pesquisadora Katarina.

O primeiro *maracatu nação*² que conheci foi o Estrela Brilhante, localizado no Alto José do Pinho, cujas “*calungas*”³ ou “*bonecas*” são Dona Joventina e Dona Erundina. Visitei o Museu do Homem do Nordeste (MHN), em 2001 e 2004, e uma boneca de um antigo maracatu Estrela Brilhante despertou minha curiosidade, pois tinha sido trazida de volta ao Brasil, doada por Katarina Real em 1996. Assim, a boneca Dona Joventina serviu de inspiração para a investigação sobre a trajetória de Katherine Royal Cate com os maracatus de baque virado em Recife. A boneca era um universo de intercessão entre a trajetória da pesquisadora e o maracatu Estrela Brilhante com o qual eu mantinha contato em Recife.

Compreendo o maracatu como um “*entangled object*”, como um “objeto entrelaçado”, construído por meio de diversas relações, ou seja, por diferentes “re-apropriações” de idéias, ações e objetos materiais, trazidos e postos em contato pelos envolvidos com a questão. (THOMAS, N; 1991). Estou interessada em olhar de maneira antropológica o caráter simbólico da vida social e da própria produção intelectual, contribuindo, assim, para uma compreensão mais profunda do fenômeno histórico do maracatu de baque virado.

² Os “maracatus nação” ou maracatus de “baque virado” também referidos como “nações africanas” são uma manifestação carnavalesca da cidade do Recife que tem como mito de origem as Instituições dos Reis do Congo ou Instituições Mestras, associada às Irmandades que prestavam assistência aos negros nos bairros portuários do Recife antigo (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos bairros de Santo Antônio e São José). As narrativas históricas sobre os *terreiros* e “afro-descendentes” em Recife se remetem ao Mercado São José, ao Pátio do Terço e às casas dos sacerdotes da “seita” e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Atualmente as nações de maracatu realizam suas “saídas” (desfiles nas ruas) com uma grandiosa Corte Real (personagens: Rei, Rainha, Princesa, Dama do Paço, Calungas, Baianas Ricas, Vassalos, Caboclos de Lança ou Reiamar, Escravos e Catirinas ou Baianas etc.) De suas “sedes” e *terreiros* saem para as ruas acompanhados do soar de um intenso “baque virado” executado por um conjunto musical percussivo (instrumentos: alfaias ou bombos, gonguê, caixas, mineiros e abês). Ostentam seus vínculos com alguma religião “afro” de Recife (o *Xangô*, *Catimbó* e *Jurema*) e se dizem “nações” devido à alegada descendência “africana”. Muitos maracatus e agremiações carnavalescas recebem auxílio da prefeitura da cidade para desfilarem no carnaval. As agremiações carnavalescas que recebem esse auxílio são obrigadas a participar do Desfile Oficial promovido pela Federação Carnavalesca, sob a pena de serem expropriados e doados para um órgão de preservação histórica caso deixem de desfilar por três anos consecutivos.

³ O termo designa, nesse trabalho, as bonecas dos maracatus nação, esculpidas em madeira e às quais são atribuídos poderes mágico-religiosos. Desfilam nas cortes dos maracatus carregadas pela “dama do paço”.

Uma verdadeira efervescência envolveu Katarina Real em uma série de ações e reações dirigidas às antigas nações de baque virado do Recife. Katarina estabeleceu “vínculos de alma” com alguns mestres e rainhas de maracatus, tais como: a rainha Dona Santa⁴ da nação Elefante; Dona Assunção⁵, a viúva de Seu Cosme⁶, da antiga nação Estrela Brilhante; Eudes Chagas⁷ do maracatu nação Porto Rico do Oriente; Luiz de França⁸ do maracatu nação Leão Coroado e Seu Veludinho⁹, o centenário batuqueiro que participou de algumas nações até meados da década de 60 (Elefante, Estrela Brilhante e Leão Coroado). Como em um mercado de bens intangíveis, Katarina e seus interlocutores do maracatu de baque virado misturavam-se e modificavam-se a cada encontro estabelecendo trocas de “dons” e “contra-dons” quase “obrigatórios”, “vínculos” que perduraram décadas. (MAUSS, 2003)

Alguns autores como Clifford (1988), Stewart (1993), Pomian (1984), Jakins (2002), Gonçalves (2002), entre outros, querem mostrar que o ato de “coleccionar” ou as “coleções” que são expressas pelas etnografias, pelos romances, pelos filmes e, mais notavelmente, pelos museus, criam a ilusão da representação adequada do mundo, na qual os fragmentos deslocados falam por um todo perdido. As coleções expõem e realizam mediações. Primeiramente, os objetos são deslocados de seus “contextos originais”, transformados em símbolos abstratos, tornando-se metonímias da “cultura” e de suas diversas possibilidades. Em seguida, os processos de organização, exposição e reclassificação entram em ação. Esses autores chamam atenção para o processo do colecionamento como um lugar de construção de identidade e subjetividade por excelência, sublinhando o papel fundamental de determinados intelectuais na colaboração, constituição e seleção dos “fatos”. Meu trabalho defendido em dezembro de 2007, buscou

⁴ Maria Júlia do Nascimento (1886 ? – 1962) conhecida como “Dona Santa” ou “Santinha” foi uma poderosa *yalorixá* que se tornou a rainha do maracatu nação Elefante.

⁵ Dona Maria Assunção foi a derradeira esposa do Seu Cosme, (fundador do Estrela Brilhante de Recife), que levou adiante as obrigações no *Estado* de *catimbó* do falecido marido (1955-1965).

⁶ Cosme Damião Tavares (1878-1955), natural de Igarassu, foi o fundador do Estrela Brilhante de Campo Grande, em Recife, em 1906.

⁷ Eudes Chagas (1921-1978) nasceu em Olinda e foi para Recife ainda menino. Era *babalorixá* no bairro do Pina onde exerceu o sacerdócio até sua morte (1978). Com a colaboração de Katarina Real, foi coroado o Rei do Maracatu nação Porto Rico do Oriente, em 1967.

⁸ Luiz de França dos Santos (1901-1997) era filho de Laureano Manuel dos Santos (o fundador do Leão Coroado). Cresceu no Bairro de São José, “espécie de gueto de escravos libertos, local onde aconteciam cultos africanos”. Os padrinhos de santo de Seu Luiz foram: Eustachio Gomes de Almeida e Dona Santa. (AMORIM in: Continente documento n.43/2006.). Seu Luiz foi membro da Irmandade de São Benedito da igreja de São Gonçalo do bairro da Boa Vista e da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Santo Antônio. Tido como um dos últimos *oluos* de Recife foi o mestre do maracatu Leão Coroado até sua morte, em 1997.

⁹ João Batista de Jesus (seu Veludinho) foi batuqueiro das nações Estrela Brilhante, Elefante e Leão Coroado. Na década de 60, já tinha mais de cem anos e ainda tocava o bombo mestre maior, mais grave e mais pesado.

ressaltar o processo de colecionamento em que Katherine Royal Cate se torna Katarina Real, uma especialista na Arte Folk de Pernambuco: como é que a autora constrói sua “autoridade etnográfica” acompanhando os “últimos mestres africanos” dos maracatus nação no Recife durante aproximadamente quatro décadas (60-90).

*

Os maracatus-nação promovem intensos diálogos, intersecções, compras, vendas e doações, entre si e entre outras agremiações carnavalescas, como escolas de samba e caboclinhos, possibilitando agrupamentos e reorganizações variadas no decorrer dos anos. Os maracatus misturam-se, passando por diferentes pessoas e lugares, dividem-se podendo ser criadas novas nações e recriados antigos nomes. O nome das antigas e novas nações de maracatu é uma espécie de “bem inalienável” (WEINER,1992), um “patrimônio” fundamental que evoca a “ancestralidade africana”. Ainda assim, os nomes, objetos, práticas e saberes que compõem o maracatu-nação podem ser vendidos, roubados, transferidos, herdados, doados, recolhidos, refeitos e, ao mesmo tempo, continuam se considerando os “mesmos”.

Quem cuida de um maracatu é sempre posto em cheque quanto à densidade de seu conhecimento sobre as práticas litúrgicas adequadas. Certos rituais devem ser executados para que a nação mantenha o “vínculo religioso” obrigatório, sem perder o seu caráter de “saída”, de exposição nas ruas da cidade. Uma verdadeira diversão carnavalesca que exige uma “forma”, uma série de preparos devido ao seu “perigo”. (DOUGLAS, 1976). Assim, um conjunto de práticas e saberes específicos e de difícil acesso constitui a existência e a permanência do “mesmo” maracatu ou do “mesmo” nome que evoca uma origem comum e “africana”. Em conjunto com o nome da nação, os nomes de *eguns*¹⁰, *orixás*¹¹, *mestres*¹² e falecidos sacerdotes são igualmente preparados, evocados e *alimentados* em práticas de segredo.

Atualmente duas nações de maracatu atendem pelo nome de Estrela Brilhante. Uma fica localizada no bairro do Alto José do Pinho, na cidade do Recife e a outra, em Igarassu, município litorâneo dos arredores da capital. Ambas passaram por dificuldades ao longo do século XX. O Estrela Brilhante de Igarassu esteve pouco visível, quase inativo nos anos 80 e apareceu na

¹⁰ Nome para os espírito dos mortos, desencarnados. No maracatu também é chamando de *egum* o espírito do ancestral da nação presente em *assentamentos do terreiro* ou nas *calungas*.

¹¹ “Qualquer divindade *yorùbá* com exceção de *olódùrum* (vd). Seus equivalentes *fón* (vd) são *vuduns*. A designação do culto angola-congo que lhes correspondem é *inkice*. Essas equivalências são imperfeitas pois ao passo que uns são forças da natureza, os outros são espíritos que retornam sob a representação de animais, enquanto que outros ainda são espíritos ancestrais.” (VOGUEL, MELLO, BARRO, 2005 : 200-201)

¹² Espírito mestre do estado de catimbó.

capital nos anos 90, em parte, graças ao apoio de Roberto Benjamin¹³. Com o auxílio da prefeitura, a CPF promoveu uma coroação pública de Dona Mariú, falecida rainha, mãe de Dona Olga que é a atual dirigente do maracatu Estrela Brilhante de Igarassu.

Outra questão importante é pensar como “seres *encantados*”, “*ancestrais africanos*”, representados por uma boneca esculpida em madeira são deslocados e ressignificados como “objeto de arte popular”, como um “objeto de coleção”. Para os integrantes dos maracatus que hoje reivindicam a posse da escultura, Joventina é vista como detendo forças “totais”, cosmológicas e práticas. Joventina é compreendida como uma “entidade espiritual”, ora um *mestre do estado* (Mestre Cangarussu), ora um *orixá* (*Iansã Gigan*), ou um *egum* (explicação de Afonso Aguiar), ou até como uma *preta* velha (explicação de Dona Olga de Igarassú), mas de todo modo, um verdadeiro sujeito de ação.

A trajetória da boneca Joventina é marcada por reclassificações que lhe conferem a riqueza de concentrar possibilidades de crenças, igualmente verdadeiras e válidas, direcionadas a um único objeto específico. Assim, podemos ouvir distintas narrativas biográficas sobre a boneca, pois a mesma calunga estabelece relações e desejos com os diferentes sujeitos envolvidos nas histórias dos maracatus que se denominam Estrela Brilhante.

Do ponto de vista dos “*maracatuzeiros*”, quando uma calunga de maracatu ou objetos pessoais de rainhas e mestres consagrados são “*recolhidos*” por museus, ocorre uma espécie de “morte” para a nação. O tipo de eternização e de preservação que o museu propõe inviabiliza a qualidade de ‘agência espiritual’ que o objeto até então exercia. “Uma vez no museu para sempre nele”. Os atuais mestres de maracatu que dialogaram nesse trabalho (Dona Olga¹⁴, Dona

¹³ Roberto Emerson Câmara Benjamin nasceu em 1943, em Recife. Bacharel em Jornalismo e em Direito, é professor aposentado da UFRPE e é o atual presidente da Comissão Pernambucana de Folclore. Sobre a experiência de Benjamin com calungas de maracatu ver capítulo II da minha dissertação: Com a morte do rei Eudes, maracatu Porto Rico do Oriente, os objetos da nação foram doados, por intermédio do professor à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Na época, Roberto era professor dessa instituição e estava organizando uma Sala de Cultura na UFRPE onde foram colocados diversos objetos de artistas da região, além das calungas Dona Inês e Dona Elizabete e outros adereços do maracatu de Eudes Chagas. Mas as pessoas do antigo maracatu ficaram com “saudades do carnaval” e foram pedir as bonecas de volta: “Dona Mera apareceu lá com Maria de Sonia no meu escritório e essa calunga estava em um pedestal no meu gabinete na universidade. Aí chegou Dona Mera com Maria de Sônia pra buscar a calunga. Aí eu disse olha não é possível porque isso entrou para o patrimônio da União, então. Sim porque é universidade federal e isso hoje é do patrimônio do governo eu não posso devolver. E aí me deu uma idéia eu estava querendo saber como é que se fazia a cerimônia de iniciação da boneca e disse olha eu vou fazer o seguinte eu vou mandar fazer uma boneca nova e vou dar ao maracatu e fiz isso.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006).

¹⁴ Olga Santana Batista, nascida em 1939 é conhecida como Dona Olga. Filha da falecida rainha Dona Mariú, Olga é a matriarca da família que há gerações mantém o maracatu nação Estrela Brilhante em Igarassu.

Marivalda¹⁵ e Afonso Aguiar¹⁶) enfatizam o sujeito espiritual da boneca, sua qualidade de ação e de realização. Embora suas explicações sejam da ordem do intangível, não deixam de sublinhar sua madeira escura, detalhes da escultura, ornamentos, vestimentas e outras minúcias materiais.

Para Katarina Real, ambos os sentidos de ‘objeto’ e ‘sujeito’ também parecem conviver em tal boneca de forma indissociável, embora sua experiência acabe priorizando o aspecto material da escultura. Em sua perspectiva, o museu é um local que garante um determinado tipo de preservação daquilo que é material, do objeto propriamente dito. Além disso, informa e divulga ao grande público sobre a importância de tal sujeito-objeto de valor “mágico, artístico e cultural” trazendo uma pretensão de “vida eterna” à boneca. Para uns a “morte”, para outros a “vida eterna”. Ambas as idéias, em princípio antagônicas, falam do mesmo evento: da presença de ‘objetos-sujeitos’, ou seja, objetos que representam entidades espirituais poderosas, tais como as calungas de maracatu expostas no MHN. (uma “morte”, como definiu dona Olga, associada ao fim dos desfiles e das práticas rituais dirigidas à boneca pela nação de maracatu; e uma espécie de “vida eterna” “objetificada”, criada pela divulgação de um rótulo estante proposto por Katarina Real, que foi a doadora da calunga ao museu).

O atual Estrela Brilhante do Alto José do Pinho possui uma outra estatueta com o mesmo nome que foi esculpida em madeira escura nos anos 80. A nova Joventina passa boa parte do ano na casa da rainha Marivalda em companhia de Dona Erundina, a segunda calunga da nação. Já o Estrela Brilhante de Igarassu possui Dona Isabel como calunga protetora, que fica guardada na casa de Dona Olga. Esta última afirma que a sua Joventina foi roubada, mas não explicita detalhes e datas e nem menciona a existência de uma outra Joventina mais pequenina, que está exposta no Museu do Sítio Histórico de Igarassu ao lado da Igreja de São Cosme e Damião.

Assim, mais uma escultura de Dona Joventina entra em cena. Quem sabe não teria sido essa a calunga roubada de Igarassu? Esta outra boneca, ainda mais antiga, está montada numa fruteira da antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos desse mesmo município e

¹⁵ Maria Marivalda dos Santos, nascida em 1953, é a atual rainha do maracatu nação Estrela Brilhante do Alto José do Pinho em Recife.

¹⁶ Afonso Gomes de Aguiar Filho nasceu em Campina do Barreto, Recife, em 15 03-1948. Seu pai tinha um peji em casa. Ao se mudarem para Águas Compridas, Olinda, em 1955, abriu um ilé (terreiro) assumido por Afonso com a morte do Pai há 19 anos. Quando passou a tomar conta do Leão Coroado em 1996, o maracatu foi transferido para o bairro de Afonso no qual foi comprado o terreno, em 1997. Para saber sobre a relação de Katarina Real e Roberto Benjamim com a transferência de zeladores e a compra do terreno do Leão Coroado ver capítulo II da minha dissertação dez. 2007.

teria a possível data de 1835 (a data esteve, mas não está mais na etiqueta do museu; e esta informação foi dada por Katarina Real, 1998).

Até onde pude verificar, existem três bonecas de madeira, três esculturas de Joventinas, que de algum modo estão envolvidas numa mesma história de encantamento e proteção direcionada a um maracatu de nome Estrela Brilhante. Recolhi narrativas sobre uma boneca de maracatu que de algum modo misterioso se subdivide e se reproduz. Mas qual e como? Qual maracatu Estrela Brilhante? E como a cosmologia destes três universos, narrados aqui a partir da perspectiva de diferentes mulheres - Katarina Real, Marivalda dos Santos e Olga Batista - relacionam-se com a antiga boneca de madeira que hoje está temporariamente na reserva técnica do MHN-FJN?

O que teria feito Katarina devolver Dona Joventina que durante três décadas lhe fez companhia em sua casa nos EUA? Como teria sido a trajetória dessa boneca que hoje permite tamanha profusão de significados? A boneca passa de ‘totem roubado’ de um maracatu muito antigo em Igarassu à protagonista e protetora do antigo Estrela Brilhante de Campo Grande. Em seguida e em forma de presente - um presente mágico e obrigatório - passa a compor a coleção de Katarina Real. Trinta anos mais tarde, é novamente re-classificada como objeto etnográfico da exposição sobre maracatu de baque virado na coleção do MHN-FJN. Nesse meio tempo é replicada e passa a assumir a função de protetora do maracatu do Alto José do Pinho. Na pesquisa em busca de Katarina Real e sua relação com o antigo Estrela Brilhante do Recife, Joventina rouba a cena e fala com diferentes vozes.

O Estrela Brilhante do Recife se dissolveu em 1965, sendo retomado por outras pessoas e levado para outras localidades a partir de 1970. A permanente recriação dos antigos maracatus se dá não apenas pela criação de novas nações, mas, sobretudo, pela transmissão dos “mesmos” nomes a novas pessoas e a novas localidades que se consideram as “mesmas” nações. O argumento bastante ideológico foi sugerido por duas pesquisadoras integrantes do maracatu Estrela Brilhante de Recife, Cristina e Virgínia Barbosa¹⁷ e discutido pelo professor Carlos Sandroni (SANDRONI, 2001). Esses autores, no entanto, confundem seus pontos de vista com a exegese nativa. Acreditar que se tratam dos “mesmos” maracatus é um argumento explicitamente

¹⁷ A monografia de Cristina Barbosa conta a história da primeira fase desse Estrela Brilhante de Recife em Campo Grande (1906-1968) e a de Virgínia enfatiza a construção da última fase do maracatu no Alto José do Pinho, de 1993 a 2001. A hipótese das jovens pesquisadoras é que apesar de mudarem as pessoas e as localidades, o “legado espiritual e cultural” do maracatu Estrela Brilhante de Recife continua o mesmo.

identitário e não exatamente analítico, pois o que quer dizer “ser os mesmos” e para quem, é bastante variado. Desta forma, situo a hipótese das Barbosa como parte de um discurso nativo cuja intenção principal é a de defender uma continuidade para o Estrela Brilhante de Recife fornecendo uma base histórica para as narrativas da rainha Dona Marivalda e dos integrantes do maracatu do Alto José do Pinho.

“Ela (Katarina) veio aqui perguntar sobre o Estrela Brilhante, eu disse que o Estrela Brilhante já estava aqui comigo. Que já tava no meus poderes que eu era Marivalda e, ela perguntou para mim como é que eu vim parar no Estrela. Aí eu contei para ela que Cabeleira aí Madalena que ela não sabia mais também 20 anos no Estados Unidos. Ela não tava vindo aqui, aí eu falei para ela que o Estrela Brilhante tinha parado aqui no Alto José do Pinho e estava no meu poder. Ela disse, não porque eu trouxe a Joventina para o MHN. Aí eu disse para ela é **mais o maracatu não acabouse**, o maracatu não acabouse, ela (Assunção) disse que não podia botar na rua mais depois botou o maracatu na frente sem a boneca aí eu mandei fazer outra.” (Entrevista: SANTOS, Marivalda dos. 2007- todos os grifos são meus).

“Dona Joventina, eu tenho aquele compromisso com ela do jeito que ela tem comigo, por ser uma madeira. O nome dela não é dona Joventina é dona Jovelina porque eu fui num lugar e teve um médium que recebeu ela e falou sobre a vida dela, entendeu o que era ela e o nome dela não é Joventina, mas Joventina ficou um apelido, (...) faltou só o nome de dona Erundina que ela ainda não deu eu preciso saber mas ela ainda vai me dizer, **e são duas bonecas vivas, não são mortas**, entendeu, o povo pensa que são mortas mas não são, essas duas calungas que para muitos não significa nada, (...) **é um orixá vivo. (...) Então essas duas bonecas que estão aí estão vivas, tem vida igual a eu e você. (...) Katarina dizia que era da Oxum**, (se referindo à vestimenta que Katarina colocou na boneca), **ou o vudum Cangarussu, mas não é, é Iansã.**”. (Entrevista com Marivalda dos Santos, Alto José do Pinho, Recife, 31-03-07).

Ao contrário, pela lógica de Dona Olga e do maracatu de Igarassu, não apenas o nome, mas as pessoas, as famílias e os lugares influenciam sim na ‘autenticidade’ e legitimidade do grupo. O maracatu Estrela Brilhante de Igarassu permaneceu na mesma família, atravessando

gerações desde a sua fundação até hoje. Contudo, o caso de Igarassu parece configurar-se como uma exceção se comparado às antigas nações do Recife de hoje (como por exemplo, o Leão Coroado e o Elefante).

“Vai crescendo e vai nascendo e vai brincando já tocando dançando aí se um morrer, que nem meu pai, meus avô morreu passou para meu pai, meu pai morreu deixou para minha mãe, minha mãe já passou para mim. Aí vai andando tudo família. Aí menina o maracatu nosso que nós temos verdadeiro mesmo da gente é esse nosso. É por isso que muita gente corre atrás das histórias do maracatu, por causa disso, a menina mesmo Marivalda que tem o nome do nosso maracatu. O mesmo nome da boneca da gente ela botou no maracatu dela... a boneca que tá no museu que essa Katarina pegou” (Entrevista : Olga Santana Batista, Igarassú, 15-07-2006).

Segundo o discurso exposto pelas Barbosa e pelos integrantes do atual Estrela Brilhante de Recife que está com Dona Marivalda no Alto José do Pinho, o maracatu passou por três épocas associadas a lugares e pessoas distintas. A primeira (1906-1965) remete ao pescador Seu Cosme, que veio de Igarassu para Recife e que foi morar no bairro de Campo Grande, local onde fundou o maracatu. A segunda inicia-se em meio a uma grande crise do Estrela Brilhante que recebe um mandato espiritual para o seu próprio “recolhimento” além da ordem de oferecer a boneca Joventina de presente à pesquisadora estrangeira Katarina Real, que naquela época estava acompanhando os ensaios da nação em Campo Grande.

Nesse meio tempo, as dissidências entre Luiz de França, o mestre do maracatu-nação Leão Coroado, e sua companheira, Maria Madalena¹⁸, fizeram-na sair desse maracatu à procura de outra nação. Madalena se junta com Cabileira¹⁹, uma espécie de mediador e interlocutor entre os maracatus e as políticas locais, na década de 60. Juntos (Maria Madalena e Cabileira) levam o maracatu Estrela Brilhante para o Alto do Pascoal (1970-1992). Logo em seguida, conseguem

¹⁸Maria Madalena (1900-2002) foi uma reconhecida *yalorixá*, afilhada de Dona Santa e que se dizia sua herdeira. Companheira de Seu Luiz de França e rainha do Leão Coroado até o início dos anos noventa, quando se separa dessa nação e vai em busca de outro maracatu passando pelo Estrela Brilhante e em seguida iniciando a nova fase do maracatu Elefante.

¹⁹ Sei que Cabeleira foi um interlocutor da classe média que ajudou Madalena nas negociações com o maracatu Estrela Brilhante e mais tarde, o Elefante, para retirar o nome do antigo maracatu do MHNE, reerguendo a nação de Dona Santa.

retirar do MHN²⁰ o nome do antigo maracatu nação Elefante, da falecida Dona Santa. Vendem por um valor em dinheiro os adereços restantes assim como o direito sobre o nome do Estrela Brilhante para Lourenço Molla²¹, dando início à terceira época desse maracatu, agora em Casa Amarela (1993 e 1994). Molla era um carnavalesco ligado às escolas de samba da região, que se envolve com o Leão Coroado de Seu Luiz e em seguida compra o Estrela Brilhante de Cabileira. Contudo, foi afastado do maracatu Estrela devido a uma briga com o mestre Luiz de França, a qual chegou a instâncias judiciais²². Enquanto Molla respondia ao mandato de prisão, o Estrela Brilhante foi para a casa de Marivalda no Alto José do Pinho, onde permanece até hoje (1995-2007).

Recife é uma cidade bastante grande que cresceu muito nos últimos anos. Quando Katarina Real estava acompanhando o maracatu Estrela Brilhante em Campo Grande (1963), não sabia da existência de um homônimo ainda mais antigo em Igarassu. É preciso levar em conta que no início do século XX, quando Cosme veio para Recife (1904), a distância entre as duas cidades era de fato muito maior. Recife e Igarassu compunham universos distintos que quase não mantinham contato e a criação de um novo Estrela Brilhante na capital, não poderia ocasionar maiores conflitos. Hoje Igarassu faz parte do grande Recife. Muitos de seus habitantes trabalham na capital e ambos os maracatus realizam apresentações durante o carnaval, encontrando-se com cada vez mais frequência. A existência de dois maracatus-nação de nome Estrela Brilhante é, de alguma forma, motivo de piadas, fofocas e trocas de hostilidades em ambos os lados.

²⁰ O Maracatu Elefante de Dona Santa foi parar no MHN em 1962 e em 1980 voltou a sair nas ruas, graças ao pedido de Maria Madalena e Cabileira, mas com outros artefatos e vestimentas. Nas palavras nativas o “maracatu saiu do museu”, isso quer dizer que o nome saiu do museu e que ele pode voltar a desfilar nas Ruas do Recife, mas os objetos de uso da rainha Dona Santa assim como as três calungas, permanecem no acervo do MHN-FJN.

²¹ Lourenço Lira Molla era um artista plástico e carnavalesco ligado à Escola de Samba Gigantes do Samba, que, na década de 80, desempenhou um papel de mediação entre sambas, maracatus e políticas estaduais.

²² Após inúmeras dissidências entre Molla e Luiz de França, que achava que o primeiro desrespeitava sua autoridade de antigo mestre, Molla aciona uma briga na justiça por conta de fantasias do samba que ele teria emprestado e não dado ao maracatu de Seu Luiz, e que Luiz julgava ser de seu maracatu e não de Molla. Segundo Marivalda no trabalho da Virgínea: “Lourenço Molla, Leão Coroado e Maracatu Elefante acentuaram os desentendimentos sempre recorrentes entre seu Luís e Molla. O maracatu Elefante, diga-se os seus dirigentes, do ponto de vista de Marivalda, não viam com bons olhos a ajuda prestada por Molla ao maracatu de seu Luís, para ela isto se dava principalmente porque “as pessoas que estavam lá, no maracatu Elefante, eram tudo Leão Coroado, e se o Leão voltasse a ser o que era antes, as pessoas iam sair do maracatu (Elefante)”. (Marivalda Maria dos Santos: 07-09-2001) (BARBOSA, Virgínea; 2001).

Para Katarina, Dona Joventina era a calunga do maracatu de Campo Grande. Ficava guardada e era cultuada no *estado*²³ do falecido Cosme, exposta apenas nas mãos da “dama do paço” durante as saídas. Joventina se misturava ao “espírito *avó*”, ao “dindinho”, ao “mestre Cangarussu”, um dos “mestres de *catimbó*” do “centro espírita” localizado na casa de Cosme, que também era a sede do maracatu. Em um momento de extrema dificuldade para a nação, que estava sob o comando da viúva Assunção, Katarina foi escolhida pelo “mestre Cangarussu” para ser a guardiã de Joventina. Trinta anos mais tarde resolve trazer de volta a boneca, mas confusa por não reconhecer em nenhum dos dois maracatus Estrelas de hoje a nação que pesquisou, entrega a boneca ao MHN-FJN pontuando sua própria trajetória de pesquisa com esse maracatu.

Para aqueles que são parte da nação Estrela Brilhante de Recife, o maracatu não parou, não acabou, “recolheu”, mas logo voltou às ruas. Marivalda argumenta que seu maracatu é a continuação do Estrela Brilhante de Cosme e que sua Dona Joventina foi re-feita em uma nova escultura que é a *Iansã* protetora de sua nação. No Estrela do Alto José do Pinho, a calunga Joventina aparece ora associada a um “deus-*orixá*”, que é a própria “*Iansã Gigan*”, ora ao espírito desencarnado de uma princesa africana, “filha de *Iansã*”, que é cultuada no *balé* como os *eguns*. Desta forma, o nome de Joventina toma parte em rituais distintos no *centro*, onde é venerada tanto como um *orixá* quanto como um *egum*. Marivalda explica que a boneca deveria ter sido devolvida a ela, pois se considera a verdadeira herdeira do maracatu de Cosme. Na lógica da rainha do Alto José do Pinho, a calunga que hoje está no museu perdeu os *axés* que foram transferidos para a sua Joventina “preparada com aquele amor”.

Segundo Dona Olga, Joventina era uma das antigas calungas do maracatu que foi “ou vendida ou roubada” e estava desaparecida há muito tempo. Desconhece detalhes da história, mas argumenta que na década de 60 só existia o seu Estrela Brilhante em Igarassu, portanto, não poderia ser de outro maracatu a boneca trazida pela “gringa”. Não sabe de nenhum Cosme Damião Tavares, pescador da região, e acusa Marivalda de estar à frente de um maracatu cujo

²³ “Estado é um centro espírita de catimbó e dos mestres.(...) Veludinho, foi ele quem me disse que Assunção teve um estado e ele também me disse que Dona Santa teve um Estado e eu acho também que o Estado é ligado a Jurema. Mas eu acho que essas complicações dessas religiões populares, é um grande pesadelo para o pesquisador. Porque você sabe, temos uma mistura de espiritismo branco, de caboclo, de candomblé, de caboclo, de jurema, dos senhores mestres, de umbanda. E está em plena evolução de dinâmica não é, o que eu encontrei na década de 60, provavelmente hoje... é vai.. e naquela época eu achei esse negócio de seitas africanas tão complicado que você vê no meu livro eu quase não falo disso. Mas hoje em dia, o negócio é muito mais aberto. Mas na minha época tinha estourado o golpe militar e me lembrava que os maracatus eram muito mais perseguidos. Eu tive medo de revelar segredos do povo achando que talvez do ponto de vista da ética eu pudesse estar prejudicando eles. Agora hoje em dia está muito mais aberto...” (Entrevista feita pelas irmãs Barbosa com Katarina Real na CPF, em 1998).

nome e uma das calungas são antigos pertences roubados de seus antepassados. A matriarca de Igarassu acredita que a Dona Joventina trazida de terras estrangeiras por Katarina é a sua antiga calunga e que deveria ter sido finalmente restituída ao Estrela Brilhante de Igarassu. Para Olga “mataram o espírito” quando colocaram a boneca no MHN.

“A minha mãe era atrás dessa boneca, mas ninguém sabia, eu sei que **minha mãe tinha um pé da boneca**, porque o pezinho era de vidro né, é que meu menino não tá aí senão eu ia mandar buscar pra você vê. **Nós temos a prova né da boneca**. Mãe me deu esse pé, da boneca e disse; oh você tenha cuidado com o diabo do pé dessa boneca, eu, tá mãe. Mas só que aqui em casa é um mexe-mexe aí eu botei ele num isopor junto com outras coisas aí alguém derrubou aí ele quebrou, tu sabe aquele vidro que fica aqueles pedacinhos aí ficou né, aí eu disse vou jogar fora; aí falou não não joga não, bota numa mochilinha aí eu botei numa mochilinha (...) olhe eu não tenho leitura, leitura eu não tenho nada mas inteligência dada por deus eu tenho.” (Entrevista: BATISTA, Olga, 2006.)

“**Dona Emília é a dona do grupo né, que comanda tudo, a preta velha. Mas se agente ficasse com a Joventina também. Mas só pra gente pegar essa boneca a gente tem de fazer o que? Agente tem de pagar um advogado (...)** A boneca quando vai para o museu é porque ninguém quer mais atuar a brincadeira né quer deixar, porque se Dona Emília não brincar mais, se eu quiser colocar ela no museu eu coloco e se eu não quiser ela fica para sempre aqui, guardadinha. **Quer dizer que o maracatu morreu**, o maracatu morre né; mas o nosso nunca foi pro museu, nunca morreu e sempre foi vivo. (...) **aquelas que tão no museu, ali... num tem mais nada, está o espírito ali morto para sempre né**. Tá fazendo mais o que? ali **preso né, num sai mais pra canto nenhum num tem vida né**. Quem tem ela lá não sabe de nada. Tá lá que nem um lixo né, tá preservando pra mostrar o que é antigo e tal mas não tá fazendo nada né.” (Entrevista: BATISTA, Olga, 2006.)

O argumento de ambas as senhoras (Marivalda e Olga) apresenta a idéia de que os poderes da boneca foram enfraquecidos ou extinguidos quando guardados por uma instituição e por pessoas que não a conhecem. O museu não saberia fazer as preparações e devoções litúrgicas

adequadas para *alimentarem o espírito ancestral* presente na boneca. Ainda que encarada como um “espírito morto” ou “aposentado” ou “sem axé”, Joventina é desejada pelas duas zeladoras dos distintos maracatus de nome Estrela Brilhante. O Museu do Homem do Nordeste, por sua vez, apresenta a calunga Joventina como um “objeto de arte popular” procedente da coleção particular de Katarina Real.

Nas galerias do MHN, Joventina ressalta mais a experiência da colecionadora que a doou, consagrando a narrativa de Katarina e sua reputação como pesquisadora, do que o antigo maracatu Estrela Brilhante de Campo Grande. Em companhia dos adereços e das calungas do maracatu Elefante de Dona Santa, Joventina também faz falar sobre uma ‘forma de vida’, sobre os homens e mulheres dos maracatus de baque virado os descendentes de homens pretos de um Recife perdido no tempo.

*

Em uma das vindas a Recife (1996), cujo objetivo era atualizar suas informações para a realização de uma exposição itinerante do museu do Novo México, Katarina trouxe a Boneca para devolvê-la. Mas devolvê-la a quem? Já que na atualidade existem dois maracatus com o mesmo nome, que se dizem os verdadeiros herdeiros da boneca. Katarina trouxe a boneca para devolvê-la ao Brasil. Além de Katarina Real, da boneca Dona Joventina e do mestre do maracatu Leão Coroado, Seu Luís de França, estavam presentes na mesa da cerimônia de doação da boneca: Dr. Fernando de Mello Freyre (Presidente da FUNDAJ); Dr. Frederico Pernambucano de Mello (Historiador); Dinara Helena Pessoa (Secretária de Cultura da prefeitura do Recife que veio representar o prefeito Jarbas Vasconcelos) e Leda Alves (Assessora que veio representar o governador Miguel Arraes). Dr. Fernando de Mello Freyre apresenta os convidados e passa a palavra a Katarina Real. A pesquisadora, por sua vez, saúda os mestres e rainhas de maracatu que se encontram presentes e passa a palavra a Dona Joventina:

“Eu sou a calunga dona Joventina, do antigo Maracatu Estrela Brilhante (...) Durante muitas décadas, eu saí no carnaval e dancei nas mãos de diversas damas de paço sempre recebendo os aplausos e a admiração do povo pernambucano. Mas foi só em 1961 que cheguei a conhecer a antropóloga Katarina Real, quando ela apareceu na sede da Nação Estrela Brilhante (...) para entrevistar a dona Assunção, que era na época presidente da agremiação e viúva do fundador (...) O Estrela Brilhante saiu nos carnavais de 61 a 64,

cada ano com mais dificuldade (...) Em 64, o antigo Estrela Brilhante apresentou-se pela última vez e com muita tristeza nos desfiles carnavalescos na Avenida Conde da Boa Vista (...) Durante muito tempo não vi mais Katarina, mas sei que ela lutou muito para impedir que o Estrela Brilhante acabasse. Num certo dia em 1966, exatamente há trinta anos, dona Assunção me enrolou numa toalha e me levou para o apartamento de Katarina, no 14 andar do Edifício Duarte Coelho, onde havia “A Torre do Frevo”. Ela contou a Katarina que durante uma sessão espírita, lá na casa dela, um mestre baixou para avisar que dona Assunção não precisava mais botar o maracatu na rua; que ela podia vender todas as alfaias da Nação com exceção de mim – a calunga dona Joventina – e que eu teria que ser dada de presente a Katarina...” (REAL, 1996 (vhs-dvd- acervo CPF); um folheto com o discurso: “Dona Joventina: calunga do maracatu Estrela Brilhante”, foi editado em 1997 pelo MHN-FJN).

A boneca na sua mudez fala através de Katarina, ou seria a pesquisadora que se defende das possíveis acusações através da antiga boneca de madeira? Ou será ainda que a pesquisadora e a boneca mantinham efetivamente uma comunicação sutil? Katarina começa então a narrar uma história como se a boneca a contasse. Quem fala afinal? A boneca fala pela boca e com a lógica de Katarina. Se trocarmos os termos “ela ou Joventina” por “eu ou Katarina” e vice-versa, teremos o “verdadeiro” sujeito da narrativa em discussão.

A relação de Katarina com Dona Joventina e com o maracatu Estrela Brilhante da década de 60 é mediada por uma série de trocas e finalizada por um presente. Um “dom” especial que implicou em uma verdadeira “obrigação” (MAUSS, 2003). Katarina recebeu um presente que não poderia recusar, uma oferta imposta pelo mestre espiritual da nação. Segundo a pesquisadora, foi o “avô” da *nação* quem determinou que ela se tornaria a guardiã de Joventina contra as dissidências e brigas que assolavam a comunidade de Campo Grande e que se agravavam desde a morte de seu Cosme Damião (Cocó).

Quando Katarina Real recebe Joventina de presente, uma dimensão quase total de sua inserção no universo do Estrela Brilhante fica aparente. A calunga constituía um verdadeiro motivo espiritual e cosmológico para o maracatu. A autora admirava a boneca, mas nunca poderia imaginar que seu próprio destino fosse virar a guardiã da escultura mágica. Por mais que tivesse se empenhado em propiciar condições para a nação continuar saindo às ruas, ela acabou

recebendo um presente que efetivamente impediria que a nação continuasse com seus desfiles espetaculares assim como com seus rituais internos.

Quando Joventina passa a figurar como “objeto” na coleção mais íntima e subjetiva da casa da pesquisadora, traz uma incompletude e um desejo de reconstruir uma experiência perdida no Recife de outros carnavais. Katarina mantinha com a boneca uma relação afetiva que remetia a uma vivência do passado, associada ao maracatu e ao Brasil. A Boneca era uma espécie de “Souvenir”, especial e único, que evocava uma insaciável demanda por nostalgia, além de trazer coerência às suas narrativas sobre o maracatu Estrela Brilhante de Cosme Damião. (STEWART, 1993 :132-150)

Katarina leva Joventina com a missão de protegê-la da destruição e do desaparecimento que sofriam as nações de maracatu na época. A imagem que ela cria em seu discurso é a de que a boneca foi para o exílio e iria esperar até que a situação da “cultura popular”, e em especial dos maracatus, melhorasse. Entre outros motivos, atribui a decadência dos maracatus ao golpe militar de 1964, afirmando que, nesse contexto, o destino de qualquer tipo de associação popular ligado à “comunidades”, parecia bastante incerto. Dona Joventina vai para o exílio tal quais alguns amigos folcloristas, intelectuais e artistas perseguidos como “comunistas”.

“Em 68, a situação dos maracatus nação era péssima! O Maracatu Elefante, da saudosíssima Dona Santa acabara com a morte da grande rainha em 62; o antigo Estrela Brilhante acabou-se em 64; e alguns outros maracatus estavam em condições muito precárias ameaçados de desaparecer.(...) Mas as coisas estavam muito erradas mesmo em 68! Tanto os maracatus nação quanto os maracatus rurais estavam em declínio; a Federação Carnavalesca Pernambucana encontrava-se nas mãos dos “cartolas” que pouco se interessavam pelos problemas do povo carnavalesco; havia uma falta de interesse alarmante pelo folclore pernambucano e pela preservação de nossas tradições regionais; e a situação política ainda pior com o movimento de Cultura Popular totalmente desmantelado e tantos bons amigos brasileiros presos, foragidos e até no exílio. Com muito pesar Katarina e eu deixamos o Brasil em fins de 68, e eu fui para aquele país chamado Estados Unidos, onde ninguém sabe o que é um maracatu, ou uma fanfarra de frevo ou estalido seco da preaca de um caboclinho. Katarina e eu

decidimos que eu ficaria por lá, esperando que a situação melhorasse para as tradições populares e para o povo carnavalesco.” (REAL, 1996).

Katarina se tornou guardiã de um ‘patrimônio’ em exílio, cujos sentidos e experiências permaneciam perdidos em um Recife de “homens pretos” de outros carnavais. No período de 65 até 96, a boneca apareceu em público três vezes: a primeira foi em 1967, na cerimônia realizada na Câmara dos Vereadores, na ocasião em que a antropóloga recebeu o título de “Cidadã de Recife”. Seu Luiz de França também estava presente, tocaram um baque virado no qual Lenira dançou com a boneca pela última vez. A segunda foi em 1968, no lançamento da primeira edição do livro *O Folclore no Carnaval de Recife*, no Teatro Popular do Nordeste. A terceira vez foi na exposição da coleção Katarina Real de Arte Popular Nordestina em um museu em San Diego, na Califórnia. A pesquisadora, que ficou alguns anos sem freqüentar o carnaval pernambucano, surpreendeu-se, em 1995, com o “ressurgimento, restauração e renovação” de tantas tradições do folclore da região. Empolgada, resolveu trazer de volta a boneca Joventina. Disse que em sonho, Joventina estava lhe pedindo para voltar. Assim, o patrimônio exilado volta à terra natal sendo deslocada da coleção particular da autora para o acervo da instituição que tanto incentivou o trabalho de Katarina no Brasil (MHN-FJN).

“... aqui estou finalmente com meu povo carnavalesco. (...) E aqui serei sempre uma força de resistência cultural contra tudo que possa prejudicar a integridade das nossas tradições carnavalescas. Para terminar, eu preciso lhes dizer porque Katarina não quis, que é com grande sacrifício que ela se separa de mim. Mas ela bem sabe que serei muito bem cuidada neste maravilhoso Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco(...) e vou ficar aguardando sempre com muita alegria as visitas de todo o povo carnavalesco nordestino aqui no museu. Muito obrigada pela atenção, Katarina Real e Dona Joventina.” (REAL, 1996).

Na ocasião, Lenira também apareceu de surpresa no MHN: ao ver os anúncios nos jornais sobre a volta de sua antiga calunga, resolveu comparecer à cerimônia. Chegou chorando, dizendo que queria Joventina de volta. Conversou muito com Katarina Real que teve de ser dura e ríspida para lidar com as lágrimas da mulher que reivindicava a sua boneca. Conversaram durante

algumas horas e Katarina explicou os motivos que a fizeram decidir pela doação de Joventina ao museu e não a algum dos atuais maracatus Estrelas e nem tampouco à Lenira, pois não achava que ela teria condições de refazer o maracatu. Hoje a antiga dama do paço é uma mulher adulta que trabalha no comércio em Campo Grande.

O remexer na trajetória de Joventina, o evocar de seu nome após as três décadas de exílio, somados a sua viagem de volta a “terra natal” torna possível um encontro com outras narrativas que se manifestam, contrariando a “galega” dos EUA. O maracatu Estrela Brilhante não apenas não deixara de sair às ruas, mas se multiplicara existindo na atualidade duas nações que atendem por esse nome.

Dona Olga do Estrela Brilhante de Igarassu nunca foi ao MHN e me contou essa história de maneira bastante distinta. Para ela, a antropóloga roubou Joventina e, arrependida, veio devolvê-la. Mas achou que era do outro Estrela Brilhante e não quis devolver para Igarassu. Nas palavras de Olga, ela “matou o espírito” ao colocá-lo no museu, “ninguém pode mais tocar e usar o poder dela (da boneca)”. Olga gostaria de ter a boneca, já que reconhece nela sua origem ligada à Igarassu além de atributos mágicos poderosíssimos. Não se recorda de ter visto uma calunga Joventina no seu maracatu, mas sabe pelas histórias que sua mãe Dona Mariú contava que a boneca existiu e que foi roubada. Diz que “Katarina inventou tudo”.

O professor Carlos Sandroni (2001) chama atenção para o fato e para a contradição devido à existência de dois maracatus com o mesmo nome. Argumenta que se a boneca fosse devolvida a um maracatu criaria a dificuldade de saber para qual Estrela Brilhante deveria ocorrer a devolução. No final do texto declara seu desejo de ver Dona Joventina nas mãos de alguma dama do paço, dançando nas ruas do carnaval pernambucano. Com quem deveria ficar a boneca, acredito ser uma das principais questões nativas. Contudo, o destino da calunga Joventina já foi confinado a uma suposta ‘eternidade objetificada’ no Museu do Homem Nordeste. Katarina Real doou a calunga para o museu, consagrando seu próprio nome e reputação de pesquisadora nessa história. De outro modo, teria “devolvido” Joventina a Lenira, ou a Marivalda ou até a Dona Olga.

O que significa um maracatu ir para o museu? E para quem? É uma das questões que recebem um olhar cuidadoso nesse trabalho. A partir da boneca Joventina e da experiência de Katarina com os maracatus-nação, eu pretendo iluminar diferentes imaginários sobre o que significa um maracatu no museu. Para Katarina, a presença de Joventina no MHN-FJN é

justificada pela possibilidade de divulgar, preservar e valorizar a boneca, o maracatu e a sua própria história e inserção nesse universo carnavalesco-religioso. Para os integrantes de um maracatu, ir para o museu significa dizer que a nação “parou”, “*recolheu*”, “morreu”, “se aposentou”, já que seus desfiles e rituais deixam de existir para que outra forma de vida mais contemplativa fale para um outro público sobre aquele período em que o maracatu saía às ruas.

*

As biografias de Joventina falam do MHN, de pessoas e de práticas e também das nações de maracatu, todas de nome Estrela Brilhante. O “museu” e nesse caso, o MHN-FJN, ocupa um papel distinto no imaginário das três senhoras. Em uma cosmologia maracatuzeira, esse seria o último lugar para onde deveria ir um objeto sagrado como uma calunga de maracatu, que é compreendida como um verdadeiro sujeito de ação. Interpretado como o paradeiro final, o museu significa uma “reclusão eterna”, tal como as covas e caixões para os seres humanos. Para Olga e Marivalda, o museu está associado à “morte”. Dona Olga também usa o termo “lixo”, argumentando que a boneca perde uma determinada utilidade “espiritual total”. Já a pesquisadora Katarina Real atribui ao museu um papel educativo, de divulgação de conhecimento e de contemplação estética. Ao colocar a boneca no MHN, pretende valorizar a escultura como um “patrimônio cultural” pernambucano, pontuando a sua própria experiência de pesquisa.

Considerando que as representações etnográficas não são apenas o resultado de uma “observação”, mas, principalmente, de “alianças”, “trocas”, “mediações” estabelecidas entre “etnógrafos” e “nativos”, busquei apresentar parte dessas “negociações” e “contextos” que permitiram uma “real” aproximação entre Katarina Real, a CPF e os maracatus de baque virado em Recife. Katarina Real, Dona Santa, Dona Assunção, Eudes Chagas, Luiz de França, Roberto Benjamin, Dona Olga, Dona Marivalda, Afonso Aguiar entre outros interlocutores (pesquisadores e nativos) participaram de discussões, embates e realizações significativas sobre a “origem” e o “destino” dos maracatus-nação em Pernambuco.

Katarina Real e Roberto Benjamin podem ser pensados como “coleccionadores” da cultura popular de Pernambuco. Ambos receberam *calungas* de presente, o que mostra o envolvimento que mantiveram com as *nações* discutidas no meu trabalho de mestrado. As “coleções” representam interpretações de formas de vida (“nativas” entre eles) nas categorias de outras formas de vidas (ou seja, na forma de vida do pesquisador). Nesse sentido, as narrativas etnográficas são tanto interpretativas, construídas ou imaginadas quanto textos de literaturas

descompromissadas com uma determinada concepção de verdade.(GEERTZ, 2002). Dessa forma, as produções etnográficas falam mais do próprio pesquisador “autor” do que do grupo por ele estudado, como tentei discutir com o caso da boneca Joventina.

A calunga Dona Joventina doada pela pesquisadora despertou minha curiosidade e me fez “entrar no campo” para refletir sobre a relação entre Katarina, o maracatu Estrela Brilhante e o MHN. Nas galerias do museu, a boneca fazia falar mais de Katarina Real do que sobre o antigo maracatu de Campo Grande. Pretendi mostrar como a trajetória biográfica da boneca Joventina é acompanhada por deslocamentos e reclassificações que lhe conferem a riqueza de concentrar possibilidades de crenças, igualmente verdadeiras e válidas; todas direcionadas a um “objeto” específico: uma boneca de madeira.

As “biografias de objetos” podem ajudar a salientar questões que, por ventura, ficam obscurecidas em narrativas oficiais (neste caso a “narrativa oficial” seria a de Katarina que ficou registrada no MHN e nos livros). Contudo, o que é significativo nessas trocas culturais não é o fato de objetos e idéias estranhas serem negociadas e importadas, mas sim, o fato de que tais “importações” são reclassificadas, resignificadas, reestruturadas em seus usos, tornando-se “próprias” do grupo que “faz”, “utiliza” de forma criativa e única a boneca Joventina. (KOPYTOFF, 1986: 67). A existência de dois atuais maracatus com o mesmo nome e que, de maneiras distintas, reivindicam a posse da boneca que está no MHNE complexifica ainda mais a questão. A riqueza das informações sobre a boneca revelou-se interessante também pela abundância de possibilidades (mestre Cangarusse, Iansã Gigan, ou o totem roubado de Igarassu).

Depois que Dona Santa deixou um documento(1962) escrito na federação carnavalesca, afirmando que queria doar o maracatu Elefante para o acervo do MHN, parecia que o destino de todos os maracatus seria as galerias de arte popular ou os museus etnográficos. No entanto, esses objetos, “alienados” ou não, em museus ou exílios distantes, assim como os nomes das antigas nações, das entidades e das pessoas envolvidas (maracatuzeiros e pesquisadores), circulam em um mercado de bens intangíveis, no qual os maracatus repartem seus “patrimônios”, refazem seus antepassados para continuarem saindo nas ruas do Recife.

Esse trabalho sublinhou o papel que os museus ocupam no imaginário maracatuzeiro que associa esta instituição à noção de “morte”, pois “recolhe”, “sem saída”. Por outro lado, o mesmo museu que mata e recolhe, marca e legitima, imortalizando numa “história oficial”. De todo modo, cria um vazio de significado, uma “saudade” nos que deixam de fazer, de preparar

para sair às ruas, possibilitando a criação de novas nações refeitas e preparadas por pessoas que dizem “saber fazer”. O museu “expropria”, “aliena” (re-significando) aquilo que é palpável, que acaba e que pode ser feito, mas não aquilo mesmo que é vital e, portanto, permanece na própria noção de *ancestralidade*²⁴, presente nas práticas e cultos aos *eguns*, *orixás* e *mestres*. A passagem e a permanência das bonecas no MHN evocam mitologias trazidas pelas atuais narrativas sobre as bonecas de madeira.

A imaterialidade das coisas que permanecem por natureza própria e duradoura como aquilo que se pretende eterno e “inalienável” como o “ancestral”, não deixa de ser e se refazer no tempo e nas trajetórias de deslocamentos e re-elaborações de “crenças” e “objetos”. O vazio e a “saúde” gerada pelo “recolhimento” criam a alternativa de re-fabricar aquilo que é inalienável, aquilo que, embora se modifique, não deixa de “ser”. Os maracatus estão em um amplo mercado simbólico, sendo passados, vendidos, doados, comprados, roubados por pessoas e lugares, se fazendo em uma espiral que não separa os deuses das pessoas vivas e mortas. Além disso, os próprios pesquisadores e nativos se interpretam mutuamente e se constroem nesse diálogo que é um caminho, arena, onde as poucas pegadas são provas concretas, comprovações empíricas e certas, como o “pé da boneca roubada que era de vidro e se quebrou”.

*

Bibliografia:

AMORIM, Maria Alice. “Patrimônio Vivo de Pernambuco Reconhecimento para arte e tradição cultural Barro, Xilo, Música e folgedos populares nas mãos de 12 mestres” in: Revista Continente Documento n.43/2006, março 2006.

ANDRADE, Mario de. “O maracatu” in *Danças Dramáticas do Brasil* (1959), editora Itatiaia, tomo 2. São Paulo, Livraria Martinis, 1959.

BARBOSA, Cristina. *A Nação Maracatu Estrela brilhante de Campo Grande*, Recife, monografia de etnomusicologia UFPE, 2001.

BARBOSA, VírGINEA, *A Nação Maracatu Estrela Brilhante do Alto José do Pinho*, (1993-2001); monografia de etnomusicologia UFPE, 2001.

BENJAMIN, Roberto e AMORIM, Maria Alice; *Carnaval cortejos e improvisos*, Prefeitura do

²⁴ “Ancestral é quem logra inscrever-se de maneira durável na memória dos vivos. É o morto ilustre recordado pelas gerações que desdobra sua descendência. A ancestralidade é uma espécie de eternidade. Não a eternidade dos tempos inesgotáveis, mas a da profundidade genealógica, das raízes que recuam no tempo, para se perderem nas eras da tradição e do mito.” (VOGEL, Arno; Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barro; 2005:175)

Recife Secretaria de Cultura Fundação de Cultura cidade do Recife. Recife, 2002.

BENJAMIN, Walter; “O narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica arte e política ensaios sobre literatura e História da cultura*. Obras escolhidas Vol I, Ed. Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica” in: *Usos e abusos da História Oral*; VI edição, Fundação Getúlio Vargas. In: *La Illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales* juin 1986.

CARVALHO, José . Jorge de.; SEGATO, R. Lidia. . “A Tradição Religiosa do Xangô do Recife.” In: *Humanidade sem Revista, Brasília*, v.47, 1999.

CLIFFORD, J. “Collecting art and culture” In: *The predicament of culture: twentieth century ethnography, literature and art*. Harvard University Press, 1988. (:215-252). (Há uma tradução brasileira: “Colecionando arte e cultura” In: *Revista do Patrimônio*, no. 23, 1994)

_____; “Objects and selves” In: *Objects and others: essays on museums and material culture*. (:146-166) . The University of Wisconsin Press, 1985,

_____; “Sobre a Autoridade etnográfica” In: “A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.” (org. Gonçalves, J.R.) Ed. UFRJ, 1998.

_____; “Sobre a Alegoria Etnográfica” In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. (org. Gonçalves, J.R.) Ed. UFRJ, 1998.

CORRÊA, Mariza; “O mistério dos Orixás e das bonecas : raça e gênero na antropologia brasileira. ” in: *Antropólogas e Antropologia* ed. UFMG, Minas Gerais, 2003.

DANTAS, Beatriz Góis; *Vovó Nagô e Papai Branco; usos e abusos da África no Brasil*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1988.

DOUGLAS, Mary; *Pureza e Perigo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1976.

DURKEIM, Émile; *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

GEERTZ, Clifford; “A Descrição Densa” in: *a Interpretação das Culturas* , : LTC, Rio de Janeiro, 1989.

_____, *Vidas e Obras o antropólogo como autor* ed. UFRJ, rio de Janeiro, 2002.

GONÇALVES, Reginaldo; *A Retórica da Perda; os discursos do patrimônio cultural no Brasil*, ed: UFRJ 2002.

_____; “O patrimônio enquanto categoria de pensamento” In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, (orgs. Abreu, R.; Chagas, M.), pp. 21-29, FAPERJ/DPA/UNIRIO, 2003;

_____; “Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade” In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 8. Rio de Janeiro, 2001.

_____; “Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios”, Rio de Janeiro, 2005.

_____; “Ressonância, materialidade e subjetividade as culturas como patrimônio”; texto apresentado na ABA, 2004.

GUERRA PEIXE, *Maracatus do Recife*, São Paulo, Recife, Irmãos Vitale Secretaria de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

GUILLEN, Isabel; “Rainhas coroadas: história e polissemia nos rituais dos maracatus-nação no Recife”; texto apresentado na ABA de 2004.

_____; “Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos 1930 e 1940.” In: *Clio Revista de Pesquisa Histórica*- n.21. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

HANDLER, R. “On having a culture” In: *Objects and others: essays on museums and material culture*. (org. Stocking, G.) (:192-217). The Wisconsin University Press, , Madison, 1985.

JACKINS, Ira “Collecting” In: *The storage box of tradition: Kwakiutl art, anthropologists and museums, 1881-1981*. (:19-72). Smithsonian Institution Press. Washington, 2002.

KOPYTOFF, Igor; “The cultural biography of things: commoditization as process” in; *The social life of Things Commodities in a cultural perspective*. (Arjun Appadurai org.) Cambridge University press, 1986.

LIMA, Ivaldo Marciano de França-; *Maracatus-Nação Ressignificando Velhas Histórias*. Ed. Bagaço, Recife, 2005.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva. Formação e razão da troca nas sociedades arcaicas” (1925). In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naif, 2003.

_____, “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e de eu”.(1938). In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naif, 2003.

POMIAN, Krzysztof. “Entre o visível e o invisível: teoria geral das coleções” In: *A Coleção*, Enciclopedia EINAUDI, Lisboa, imprensa Nacional, casa da moeda, v. 1 (: 56-86) , 1984.

PRANDI, Reginaldo, *Mitologia dos Orixás*; São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____; (org.) ; *Encantaria Brasileira : o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de janeiro, ed. Pallas, 2004.

REAL, Katarina *O folclore no Carnaval do Recife*. Recife (1966), Massangana, 1990.

_____; *Eudes o Rei do Maracatu*; Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2001.

_____; “Folkways of Northern Brasil”, Folheto a exposição organizada pela autora na Universidade da Carolina do Norte, 1959.

_____, *Dona Joventina calunga do Maracatu Estrela Brilhante*, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

_____, “O Folclore e a Bondade Brasileira 1967”, discurso proferido pela autora na Câmara Municipal, ao receber o título de “Cidadã do Recife” em 22/11/1967.

SANDRONI, Carlos, “O Destino de Joventina” comunicação apresentada no 36º Congresso do ICTM, Rio de janeiro julho de 2001.

SANTOS, Climério de Oliveira e RESENDE, Tarcísio Soares, *Batuque Book Maracatu: baque virado e baque solto*; ed: do autor, Recife, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves, *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras* ed. USP São Paulo, 2000.

SOUZA, marina de Mello, *Reis negros no Brasil Escravista história da festa de coroação de Rei Congo* , ed UFMG, 2002.

STEWART, Susan “On Longing: Narratives of the Miniature, the Gigantic”. Duke University Press. Durhan and London, 1993.

THOMAS, Nicholas “Objects, Exchange, anthropology” In: *Entangled objects: Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific*. Harvard University Press, Cambridge, 1991.

TURNER, Victor. “Betwixt and Between: O Período Liminar nos Ritos de Passagem”, em *Floresta de Símbolos: Aspectos do ritual Ndembu*. apresentação Roberto Da Matta. EdUF, Niterói, RJ, 2005.

VILHENA, Luis Rodolfo, “*PROJETO E MISSÃO, o movimento folclórico Brasileiro 1947-1964.*” – : ministério da cultura, FUNARTE, Rio de Janeiro; 1997.

_____; “O Popular Visto das Margens: Cultura Popular e Folclore em van Gennep e Bakhtin” in: *Ensaio de Antropologia*. ed UERJ, Rio de janeiro, 1997.

VOGEL, Arno; Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barro; prefácio de Antônio Olinto: *A galinha d'angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*, 3 ed.- Rio de janeiro : pallas, 2005.

WEINER, Annette “Inalienable possessions: The forgotten dimension” In: *Inalienable possessions: the paradox of keeping-while-giving*. (: 23-43). University of California Press, 1992